
Camões, o canto do eterno em terra estranha: a propósito e sobre “Os rios que vão”

*Camões, the song of the eternal in a strange land:
reflections on “Os rios que vão”*

Ana Paula Tavares

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.nEsp.a1485>

Conheci rios.
Primevos, primitivos rios, entes passados do mundo,
lodosas torrentes
Desumano sangue
nas veias dos homens
Minha alma escorre funda como a água desses rios
(Vieira, 2006, p. 13).

Entre poema e poema, deslizam todas as sombras dos rios, lentas como barcos em água mansa, errantes dos exílios escolhidos e de outros do dever da história entre vida e morte a refração da memória. Entre poema e poema, o poeta abandona os instrumentos da escrita; tinta, pena, pincéis e lápis, tábuas de argila, papiro, bambu, tábuas de cera, pergaminho, velino, papel, placa de cobre, ardósia para fugir ao seu destino traçado pelo anjo da história. Na margem do rio (de todos os rios), ali onde os rios pequenos engrossam o grande rio

saúda a fala e despede-se dos deuses da escrita veneno de toda a sua vida vivida, verdade e mentira em 365 versos onde os lugares raros ganham forma, círculos, circunferências, cilindros, palavras para encadear segundo as regras como o novelo estendido que nos guia aos lugares da infância com seus gestos múltiplos e põe na natureza as figuras que faltavam. A voz da mulher da pedra volta a alisar o chão enquanto seu braço forte desce sobre o dormiente alisando as sementes e cria a vida na farinha da volta. Seus dias começam antes da travessia, suas falas são a própria fronteira: “Volta ao passado para saberes quem és, volta ao poema para saberes o teu lugar no mundo, fala e escrita de um tempo para sempre marcado, segue os passos ancestrais e aprende a colocar os sons por ordem até à última palavra”.

I – DA MELANCOLIA – “MORRER DE PURO TRISTE” (CAMÕES)

De fazedor de versos deixei a música entre árvores e fantasmas para que não se possa ouvir o meu canto, pois o passado é passado e aqui te nego três vezes enquanto me perco errante entre os que vieram à procura de pasto, casa fogo e água, e me perdi entre o que a história esconde e o que a história mostra. Perdi o sol e o mar, conheço rios e uma criança que me entrega a forma da casa: lar e labirinto, tijolo e argamassa, túmulo dos antigos, lugar de luz e escuridão, a linha de fronteira entre demasiadas eternidades sem redenção, sem remédio. A tradição na sua matéria crua ainda me visita neste lugar que não conheço: sou o das margens, o que morreu, a soma que não fecha (Homi Bahba, 1998), a memória sujeito de que falava a mãe quando abria ao exterior os espaços da sua alma, as vidas vividas antes do exílio. Por ela vivi um pouco mais que o instante e suportei as doenças do corpo e da mente. Com ela aprendi o Fragmento e o passado e o presente se tornaram matéria crua de uma liturgia que se deixou de ler. Fragmento, quebra cisão e silêncio onde o antes era palavra e sentido. Esquecimento e uma leitura das nuvens que não se entende. Perdida a cura pela fala, perdida a cura pela escrita, sou

do exílio o anjo amargo que vela a noite dos caídos que cumprem a travessia entre lugares, noutros lugares na procura em outras línguas da língua perdida, a forma de escrever a luz e ficar sentado para lá da história. Avesso à continuidade ininterrupta do tempo, habito o intervalo, a fuga, a poeira dos caminhos por percorrer.

II – DO EXÍLIO – “*HOVER TEMPO EM QUE TE NEGUE*” (CAMÕES)

A água mansa é a que mata, diz o antigo provérbio e junto dele te neguei três vezes, enquanto escutava exilados antigos a falar do inferno, olhar a margem do rio e outros lugares de encontro entre fantasmas, o sagrado e o profano. A casa deixou de ser casa e só o espectro a habita, expulsos da cidade todos os poetas para lugares onde se habita e não se vive e todo o bem passado não é gosto, mas é mágoa, e a indiferença do mundo perturba a busca da palavra lisa. Tudo é luto neste exílio e a pedra no meio do caminho é montanha e rochedo e se sol nos ilumina é para se poder ver a tristeza essencial, as línguas que nos separam, caminhos que se cruzam e a forma de esquecer a fala rápida e nervosa que sacudia os dias e alimentava as noites. Deixo os instrumentos da música: flauta, cítara, clavicórdio, minha arte de conviver nas trevas e o canto que agora ouves não é novo é só memória da terra e do tempo em que cantava e amava antes de deambular incerto noutro lugar sobre a terra.

III – DA MEMÓRIA – “*MINHA PENA SEJA DADA A PERPÉTUO ESQUECIMENTO*” (CAMÕES)

Na superfície azul daqueles rios, dizem os sábios, que se pode chegar ao passado por uma memória que tantas vezes foi ferida pela história. Tudo o que era perdido se recupera pelo fogo, traço de luz e fogueira a consumir o segredo dos antigos. Vozes altas entoam os sete cantos da morte seguidos de um enigma: presença, ausência:

*O ferreiro forja a palavra
o tecelão a tece
Quem dos velhos do couro a amacia?*

IV- COROS – “DITOSO QUEM SE PARTIR PARA TI, TERRA EXCELENTE” (CAMÕES)

Os velhos falam de rios e do sagrado em medida velha:

E se o poema se perdeu no som do silêncio, senhor da palavra, cantor e dono dos instrumentos da escrita inaugura pela linguagem uma nova visão do mundo e canta o canto dos que viveram a história e dos que foram expulsos para as margens

Todo passado é presente

Todo o presente é futuro

Olhemos os cantares de amor profano e as viagens e da experiência vivida os enganos que sobraram virá a terra da glória e as outras visões de paz.

Todo o passado é presente

Todo o presente é futuro

As almas que nos tornam humanos juntam os lugares fora do lugar, os males da ausência, o direito à vida. O direito à morte e à salvação.

Todo o passado é presente

Todo o presente é futuro.

Agora temos os cantares e sabemos em que língua falar das nossas coisas como falou de mar o mais inocente dos aventureiros. Podemos então falar de amor e atravessar a escuridão com a luz das próprias palavras. A fúria da criação trará para nós o canto de todos os cativos, os que pelos rios chegaram a todos os mares.

Todo o presente é futuro!

O território que perdeste faz agora parte do mapa de experiência feito que se forja no poema e todas as gerações que pesam nos teus ombros soltam a fala do regresso e as linhas da água da chuva do paraíso perdido, sonho, região de passagem e de regresso que podem reduzir o fio do tempo à descoberta do eterno e ao sossego.

Todo o passado é presente

Todo o presente é futuro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Isabel. *Poesia maneirista*. Lisboa: Editorial Comunicação, 1998.
- ALVES, Frei Herculano. *O Salmo 137/136 e as literaturas de exílio, estudo e antologia*. Fátima: Difusora Bíblica, 2025.
- ANTUNES, António Lobo. *Sobolos rios que vão*. Lisboa: D. Quixote, 2010.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BUESCU, Helena Carvalhão. *Literatura mundo comparada: perspectivas em português I, mundos em português*. Lisboa: Tinta da China, 2018.
- CAMÕES, Luis de. *RIMAS*. Edição de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Coimbra: Almedina, 1994.
- DARWISH; Mahmoud. *Um rio morre de sede, diários*. Lisboa: Flâneur, 2025.
- LOURENÇO, Eduardo. *Obras completas de Eduardo Lourenço*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2019. v. VI, Estudos sobre Camões.
- LOURENÇO, Frederico. *Camões uma antologia*. Lisboa: Quetzal Editores, 2024.
- MARNOTO, Rita. Da Arcádia a Sobolos Rios. In: EARLE, T. F. *Atas do Quinto Congresso da Associação de Lusitanistas*: Oxford-Coimbra, 1998. Tomo II, p. 1023-1044.
- SAÏD, Edward. *Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SENA, Jorge de. *Babel e Sião*. Lisboa: Guerra e Paz. 2014.
- SENA, Jorge de. *O pensamento de Camões*. Lisboa: Guerra e Paz, 2024
- VIEIRA, José Luandino. *De Rios Velhos e Guerrilheiros, O Livro dos Rios*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

MINICURRÍCULO

ANA PAULA TAVARES é nascida em Angola, Doutorada em Antropologia da História pela Universidade Nova de Lisboa (2010), Mestre em Literatura Brasileira e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade de Lisboa (1996), Bacharel e Licenciada em História pela Universidade de Lisboa (1982). Professora convidada da Faculdade de Le-

tras da Universidade de Lisboa, Investigadora Integrada do CLEPUL, Colaboradora do AHA (Arquivo Histórico de Angola), Professora Convidada da Universidade Agostinho Neto (Luanda), Colaboradora da RDP-África. Escritora. São suas principais áreas de Investigação a História e a Literatura do Continente Africano e de Angola. Tem várias publicações no domínio da ficção e poesia. Prémio Mário António de Poesia em 2004-Fundação Calouste Gulbenkian; Prémio Nacional de Literatura e Artes, Angola, 2007; Prémio Internacional Ceppo Pistoia, Florença, 2013; Prémio Camões, 2025.